



Grafite: Um Panorama Das Intervenções Urbanas No Recife¹.

Anna Luisa Cabral²

Mayra Waquim³

Resumo

O presente artigo trata do grafite enquanto instrumento de comunicação, expressão artística e intervenção urbana que dá voz aos artistas de rua. Forma de expressão marginal, vem ganhando visibilidade através da institucionalização de sua prática. Em Recife, esta expressão aparece para viabilizar a comunicação das periferias sobre temas contemporâneos e, por vezes, polêmicos. Mas, por outro lado, nota-se uma tentativa sócioeducativa utilizando o grafite como instrumento educativo e lúdico frente a jovens de periferia através do ensino desta linguagem por parte de organizações sem fins lucrativos e comunidades de grafiteiros.

Palavras-chave

Comunicação; Design; Grafite; Cidadania

Introdução

O presente trabalho visa o estudo do grafite como instrumento de comunicação, expressão artística e intervenção urbana. O movimento grafite se configura como uma manifestação cultural com fortes traços para a construção de discursos críticos relacionados às esferas hegemônicas e questionamentos das relações de poder.

Alvo de muitas discussões e reconhecido preconceito, esta modalidade da *street art*, hoje vem sendo percebida como método de inclusão que cumpre um papel político e social importante, em muitas metrópoles do Brasil e do mundo. Esta prática proporciona às pessoas de comunidades carentes a superação da exclusão social, o surgimento de novos talentos e a inserção social no mercado artístico e publicitário.

As temáticas tratadas no grafite são inúmeras e refletem discussões do tempo e lugar onde são produzidas. Além disso, nas criações há um interesse pela exploração das espacialidades. Com isso, é imprescindível observar que cada lugar e cada grafiteiro irá mostrar suas especificidades de repertório e suas visões de mundo.

Em Recife este movimento ainda é tímido e muitas vezes extremamente associado a expressões marginais, se comparado às cidade como São Paulo e Rio de Janeiro. Este

¹ Trabalho apresentado no II 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Bacharelado em Design da FBV/DeVry; annacabral22@gmail.com

³ Professora do curso de Design de Moda da FBV/DeVry, orientadora da pesquisa; mwaquim@hotmail.com.



fato pode estar atrelado a questões como escassez de instituições que favoreçam a profissionalização de grafiteiros na cidade, ao desinteresse do poder público em institucionalizar esta arte, entre outras.

Por isso, se faz relevante investigar o panorama do grafite em Recife no que se refere às temáticas desenvolvidas, aos locais escolhidos para grafiteagem e à intervenção na espacialidade deste centro urbano.

O grafite, que antes era associado a marginalidade e as drogas, hoje é sinônimo de paz, liberdade de expressão, instrumento de comunicação e cultura. Além de ser uma forma de manifestação cultural, a arte de rua é uma ferramenta importante para a reintegração social de jovens das comunidades carentes do Brasil.

Presente no país desde a década de 70, a *street art* foi ganhando importância e reconhecimento como parte da identidade visual das cidades, especialmente depois da virada do século XX e com a criação de ONGS especializadas na divulgação e no ensino do grafite.

ONGS como a Quixote Spray Arte (São Paulo), Sou Kpaz (Rio de Janeiro) e a Cores do amanhã (Recife), visam o desenvolvimento de programas de educação e trabalho por meio do grafite. O público-alvo são jovens carentes, que ao entrarem, participam de programas que incluem o desenvolvimento pessoal e o aprendizado de competências básicas para o desenvolvimento de habilidades específicas sendo o foco no grafite. Os principais objetivos são promover um espaço de acolhimento, melhorando a autoestima, comunicação, integração e a participação na sociedade, oferecendo à comunidade em situações de vulnerabilidade social uma nova alternativa de inclusão social e o resgate a cidadania.

Outra ação de institucionalização do grafite é a da Prefeitura do Recife. No ano passado, a prefeitura decidiu que, após o reconhecido sucesso das pinturas na parede do cemitério de Santo Amaro, os muros da grande cidade recebessem outras pinturas, a fim de deixar a cidade mais viva e colorida além de valorizar artistas locais, como Galo de Souza. Segundo o secretário de turismo Felipe Carreras, os artistas poderão escolher os desenhos que enfeitarão a cidade além de receberem todo o material necessário e um pagamento pelo valor artístico da obra. A prefeitura também se encarregou da limpeza e restauração de muros danificados para a futura utilização artística.

De acordo com a lei 12.408, aprovada em maio de 2011 pela presidente Dilma Rousseff, o grafite é uma forma de valorização do patrimônio público e privado



mediante manifestação artística com consentimento de seus proprietários, diferente da pichação, um ato ilegal e considerado um crime no país.

Metodologia

O problema de pesquisa apresentado no início deste artigo refere-se a qual o panorama do grafite em Recife no que se refere às temáticas desenvolvidas, aos locais escolhidos para grafiteagem e à intervenção na espacialidade deste centro urbano.

De acordo com um prévio levantamento bibliográfico, nota-se a natureza escassa de estudos em torno desta problemática. Esta pesquisa, portanto, será de natureza qualitativa e assume um caráter exploratório/ descritivo de corte transversal. Conforme afirma Malhotra (1993), a pesquisa exploratória permite que uma maior compreensão seja desenvolvida acerca do tema. E ainda acrescenta que este tipo de pesquisa possibilita maior flexibilidade em relação ao uso de métodos na obtenção de discernimento e desenvolvimento de hipóteses.

Para complementar essa abordagem, o caráter descritivo também é utilizado, com a intenção de identificar os principais grafiteiros de Recife e ainda mapear as principais áreas de grafiteagem na cidade. As pesquisas classificadas descritivas, segundo Roesch (1999), “não procuram explicar alguma coisa ou mostrar relações causais, buscam informações necessárias para a ação ou predição” (p. 137).

As pesquisas de natureza descritiva podem ser desenvolvidas em dois formatos: o longitudinal e o corte transversal (Churchill, 1995; Malhotra, 1993). Esse estudo caracteriza-se como corte transversal, onde “os dados são coletados em um ponto de tempo, com base numa amostra selecionada para descrever uma população nesse determinado momento” (Richardson, 1999; p. 148). Tal escolha justifica-se pela natureza e objetivos do estudo, tornando-se suficiente retratar as variáveis em um determinado momento no tempo, em contraste com o estudo longitudinal.

O presente estudo se constitui no levantamento de dados secundários e na realização de entrevistas individuais, dirigidas aos principais grafiteiros do Recife para compreender como estes elaboram suas criações e mapear as principais áreas de grafiteagem na cidade.



Referencial Teórico

Desde os primórdios a raça humana sente a necessidade de comunicar-se com seus semelhantes, deixando involuntariamente marcas gráficas na história e posteriormente as mesmas tornam-se expressões artísticas específicas de cada período. Segundo Ruskin (1819-1900), crítico de arte inglês, as grandes nações escrevem sua autobiografia em três volumes: o livro de suas ações, o livro de suas palavras e o livro de sua arte. Mas nenhum desses três pode ser compreendido sem que se tenham lido os outros dois, mas desses três, o único em que se pode confiar é o último.

Os primeiros registros de suas tentativas de comunicação datam da pré-história, no final do período paleolítico superior (há cerca de trinta e cinco mil anos atrás). Os homens começaram a pintar nas paredes das cavernas, retratando cenas de caça ou de animais. De acordo com Graça Proença (2007), a principal característica dos desenhos da idade da pedra lascada, é o naturalismo. O artista pintava os seres, um animal, por exemplo, do modo como o via de uma determinada perspectiva, reproduzindo a natureza tal qual sua vista captava. Os materiais usados consistiam em ossos carbonizados, carvão, vegetais e sangue de animais. Segundo Ostrower (1983), as imagens grafadas na pré-história tinham um aspecto sagrado e mágico para a cultura daquela época, sugerindo que a percepção coletiva do mundo era integrada, pois o cotidiano era vivido como uma realidade mágica. Ou seja, ao pintar a imagem do animal, o homem acreditava deter poder sobre ele, garantindo o sucesso em sua caça. Mesmo seu significado sendo incerto, o homem da caverna desenvolveu uma forma de comunicação própria e eficaz para aquele momento. A pintura das cavernas é considerada mãe do que hoje chamamos de Graffiti.

Para Civita (1971), muito antes dos tempos atuais, o imaginário e o cotidiano de cada época já eram expressos nas paredes das cidades. Ao longo do tempo, a produção imagética sobre paredes continuou existindo e apenas ganhou novos suportes como a arquitetura, ambientes públicos e diversos outros. Apesar de ter seu reconhecimento como arte apenas na década de 70, essa forma de pintar sobre superfícies irregulares está presente em quase todas as épocas e civilizações, onde as tecnologias e os temas foram se adaptando às diferentes realidades.

Segundo Gitahy (2012), “graffito” vem do italiano, inscrição ou desenho de épocas antigas, toscamente riscados a ponta ou a carvão, em rochas, paredes, etc. Mas foi na Roma antiga que o termo Graffiti (plural de Graffito) se tornou popular para



denominar essa forma de escrita. Consistiam em protestos, manifestações, divulgações de leis e eventos cotidianos. Em algumas catacumbas é possível encontrar registros de símbolos da igreja, deixados pelos primeiros cristãos. Na mesopotâmia, diferentes formas de desenho e pinturas foram encontradas nas paredes. No Egito, inscrições eram feitas nos túmulos dos faraós, um misto de inscrições e imagens com função decorativa. Há poucos registros de tais atividades na idade média, onde durante a inquisição as paredes das casas de supostas bruxas ou de condenados eram pichadas de maneira violenta a fim de expor o malfeitor. Posteriormente no Renascimento, a pintura em paredes volta de uma forma mais artística, sendo representados nos afrescos de forte apelo estético e confeccionados junto às paredes.

Chegando na modernidade, no século XX temos o movimento muralista mexicano, iniciado em 1910 e executado por Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros. Conhecido também como arte revolucionária, o movimento pretendia redimir a grandeza da identidade mexicana ofuscada pela colonização espanhola (Bello, 2003).

No Brasil tem-se como exemplo os murais das fachadas de alguns edifícios, onde as pinturas eram relacionadas a temas relativos à nossa história e nossa arte, alguns realizados por Di Cavalcanti na fachada do Teatro da Cultura Artística no centro de São Paulo. A pintura muralista, em consonância com a pop art, já apontava para a origem do grafite como uma autêntica expressão humana e artística.

Já no século XXI o que conhecemos como Graffiti é muito diferente das pinturas em muros do passado pelo simples fato de que cada ação se insere num certo contexto histórico e cultural. Dessa forma as diferentes intervenções urbanas em muros se distinguiram pelo momento histórico e o sentido da cultura vigente de cada época (Rink, 2013).

O Graffiti como é conhecido surgiu aos poucos. Em 1950, com a propulsão da indústria automobilística e, conseqüentemente, da tinta látex, ambos se tornaram produtos a serem comercializados e consumidos. Com a expansão e facilidade de utilização da tinta spray, esta foi usada com diversos fins, por exemplo, para grafitar sobre paredes (Rink, 2013). A nova tecnologia era de fácil manipulação, possuía um efeito duradouro e poderia ser usada em larga escala. A entrada desse produto no mercado marca uma nova fase na arte pós-moderna; foi apenas as pessoas terem acesso ao spray que diversas ações coletivas passaram a se tornar públicas e os ideais de grupos e até mesmo pessoais passaram a ter extrema visibilidade, o que acabou influenciando



fortemente movimentos contraculturais na época. Muito antes do surgimento do spray de látex, as intervenções urbanas já eram feitas com piche, um material de difícil manuseio e remoção. Daí surgiu o termo ‘pichadores’ e a expressão ‘pichação’. Tal prática era associada ao vandalismo, o que explica a herança desse estigma pelo Graffiti. Em oposição a cultura de massas que começava a ganhar vida, em especial aos outdoors, o Graffiti convidava o espectador ao encontro e ao diálogo ao invés de colocá-lo na posição de mero consumidor.

No final da década de 1960 nasce a expressão ‘contracultura’ em que “... o prefixo ‘contra’ atestava a dimensão de oposição que as novas culturas juvenis dirigiam à cultura dominante ou hegemônica” (Canevacci, 2005). As primeiras pichações começaram a aparecer na Europa como forma de protesto contra o conservadorismo da sociedade da época. Palavras de ordem eram feitas nos muros de Paris em 1968, caracterizando uma revolução contracultural. A população começou a usar os muros para manifestar suas insatisfações e a rua era o palco para jovens executarem suas transformações sociais. Através desses movimentos contraculturais que se deu a formação das sociedades alternativas.

Fortemente influenciada pela França, jovens de Nova York passaram a expressar suas indignações nos muros da cidade. Foi um período marcado por revoltas populares onde grupos passaram a ocupar lugares abandonados em Nova York como blocos de condomínios, galpões abandonados e até mesmo trens. No bairro do Bronx essa prática foi difundindo-se paralelamente a cultura do Hip Hop e do Rap. Conhecidos como *Writers*, os grafiteiros chamavam atenção para problemas sociais e políticos, ao mesmo tempo em que tentavam sanar a escassez de criatividade. Jean Michael Basquiat foi o precursor do movimento nos Estados Unidos e também influenciador do graffiti contemporâneo na arte urbana. Foi responsável pela promoção da expressão da rua e dos submundos nova-iorquinos de forma intensa e também pela legitimidade do movimento no circuito oficial da arte. A linguagem era de caráter popular e de livre acesso. Gitahy (1999) lembra que Ivan Sudbreck, um dos principais artistas de rua da geração 80 do graffiti, dizia entusiasmado: “a arte sempre será o reflexo social de um povo”. No que se refere a um país, é reflexo de um povo oprimido, vitimado pelo desrespeito em seus direitos humanos, como a falta de trabalho, habitação, saúde, educação, segurança, lazer, etc.

No Brasil as primeiras formas de expressão urbana nos muros como formas de protesto foram durante movimentos contra a ditadura militar, em 1964, onde as



pichações e grafitagens eram empregadas como arma política. Jovens pertencentes a movimentos estudantis utilizavam a pichação e a stencil art como principal arma para demonstrar suas insatisfações, pois eram de rápida produção e por isso era difícil denunciar ou reprimi-las. Frases impactantes, demonstrações de aversão ou indignação eram as mais comuns. O graffiti apenas se consolidou como movimento estético/artístico em 1970, em São Paulo. Foi alavancado graças à vinda de grafiteiros estadunidenses como Keith Haring, convidado a participar da Bienal Internacional de artes de São Paulo em 1983, entre outros artistas.

A maior referência, quando se fala em Graffiti no Brasil são ‘Os Gêmeos’. A dupla de grafiteiros, natural de São Paulo, começou a pintar em 1986 e criou um estilo de graffiti que foi caracterizado como o “estilo brasileiro”. Eles tiveram a ideia de criar a sua arte, o seu estilo, a sua “tag” (assinatura) em meio a tanta responsabilidade e valor à causa que apenas eles poderiam transmitir através de seus desenhos.

Análises e Discussões dos Dados

O dados foram coletados através de entrevistas com três grafiteiros que atuam em Recife. A primeira entrevistada foi Jouse Barata, grafiteira e idealizadora da ONG Cores do Amanhã, do Recife . O segundo entrevistado foi Luther, grafiteiro que participa ativamente no cenário do graffiti no Recife. O terceiro entrevistado foi Johny Cavalcanti, Escritor de Graffiti e Designer Gráfico.

Quando perguntados sobre o que o graffiti representa para a cidade do Recife as respostas relacionaram a linguagem como instrumento de comunicação, protesto e de denúncia. Além de uma forma de transmitir mensagens e levar à reflexão. Estas afirmativas corroboram com o que Ramos (2007) comenta quando ressalta que mesmo com a aparência globalizada, percebe-se a importância do uso dessa linguagem em contextos diferentes. No geral, esse se tornou um instrumento de protesto ou transgressão aos valores estabelecidos. E ainda Cruz e Costa (2008) afirmam que no que se refere ao Brasil, (a arte de rua) é reflexo de um povo oprimido, vitimado pelo desrespeito em seus direitos humanos, como a falta de trabalho, habitação, saúde, educação, segurança, lazer, etc., manifestando-se em resposta cada um à sua maneira, por atitudes consideradas lícitas ou não. Aqui o graffiti é uma poderosa arma se tratando em expor as condições de vida que seus habitantes possuem. Ao contrário do que muitos pensam, a intenção não é chamar a atenção da sociedade para o artista e sim para



a mensagem ou o problema exaltado no graffiti. Ao fazer as pessoas refletirem, o grafiteiro então alcançou seu objetivo, transmitir sua mensagem.

Em relação à presença do graffiti na cidade, os entrevistados disseram que ele é muito forte como meio socioeducativo, para transmissão de valores. Quanto ao reconhecimento do graffiti eles afirmaram que esta linguagem não é reconhecida aqui em Recife. Um deles afirmou o seguinte: “por ter uma essência marginal, ter vindo de bairros pobres, enfrenta muitos preconceitos. É desvalorizado por ser expresso nas ruas”. Para Taylor (1962), o Graffiti nasce como movimento de contracultura. Parte da necessidade de protestar e de expressar insatisfações e sentimentos anonimamente, ou seja, ele vai contra a cultura dominante ou hegemônica do período em que está inserido, ele quebra com um padrão artístico por fazer da cidade o seu suporte para escrita, sem delimitar o espaço, o mensageiro e a mensagem, enfrentar as intempéries do tempo e principalmente por ser uma forma de arte não comercializável e não reprodutível para uma grande massa.

Quando questionados sobre apoio ou valorização da atividade pelo governo a maioria afirmou não existir. “Geralmente quando a gente faz algum trabalho pro governo, a gente trabalha em cima de um orçamento de material, custo e remuneração para os envolvidos, alimentação...”, afirma um dos entrevistados. Outro entrevistado considera que “o único meio de divulgação é nas ruas, através de intervenções urbanas”. A característica mais forte desse movimento de contracultura é a capacidade da arte de se desviar do seu objetivo inicial para explorar outros espaços, como as ruas, galerias, qualquer local fora de um museu. Para Blauth (2012) desenvolveu-se nas mais diferentes direções no espaço, entrando no campo da experimentação e desmistificação dos seus processos construtivos, além de se confrontar com as outras áreas, territórios e linguagens, como, a arquitetura, a performance, o vídeo, a música e a política. No entendimento de Damien Sausset (2003), essas transformações colocam um fim à ilusão da eternidade das obras, à ubiquidade e à evidência. Para o autor, a eternidade das obras indicava que uma obra era algo que transcendia à história e caracterizava um momento da história e, ao contrário, muitas obras da arte contemporânea são efêmeras, frágeis e se transformam na medida em que o tempo passa. Presente em locais institucionalizados ou em seu habitat natural, as ruas, o graffiti se adapta de acordo com o local em que se é designado, não deixando de criar uma identidade visual para aquele ambiente. Ainda Segundo Blauth (2012), diante de todas as ambivalências da arte contemporânea, sejam



os espaços institucionalizados ou não, os artistas jogam com os referenciais da cultura, da identidade, das mestiçagens, nas suas contradições, nos seus limites fluidos ou não, nos espaços, nos lugares, nos locais, enfim, “tudo” pode ser utilizado como um meio que tenta perturbar e questionar a estabilidade da sociedade. A arte hoje transformou suas formas de intervir no espaço urbano, ampliando, também, as discussões sobre a presença das manifestações artísticas dos grafiteiros oriundas de espaços urbanos, situados na marginalidade inicialmente, e hoje já possuem o reconhecimento das instituições culturais.

Para Gitahy (1999), o graffiti propicia a democratização da arte, devido às suas ações descomprometidas com questões espaciais ou mesmo ideológicas, utilizando a cidade como suporte.

Quando a pergunta foi sobre a força do movimento na cidade, as respostas apontaram para uma abertura de mentalidade: “Tá crescendo, já tá bem melhor. Ainda tem resistência. As pessoas ainda te olham de lado. É diferente do Rio de Janeiro. Aqui o mercado é mais regionalista, que tende para as artes plásticas. Se for graffiti mesmo, muito original, já não tem um mercado legal”. Outro disse que “hoje o graffiti tá tendo uma aceitação melhor, as pessoas estão buscando aprender mais sobre, elas querem ter o contato com essa arte”.

Ao contrário dos que o condenam como poluição na cidade, os grafites constroem e valorizam espaços, fazem-nos perceber novos espaços, contam enredos das diferentes subjetividades e suas vivências cotidianas não comprometidas com a história oficial. Assim, nem sempre podemos pensar os grafites como ações dos que se sentem excluídos da cidade. As razões e os emissores foram e são diversos, como já bem mostram as frases, ações e imagens. Muitos grafiteiros são artistas, estudam a arte e agem cientes do que e para quem estão produzindo seus recados (Ramos, 2007).

O graffiti assume um papel para além da arte, o social. Diversas Ongs foram criadas com o intuito de orientar e ajudar jovens de áreas carentes a ter uma perspectiva de vida melhor. ONGS como a Quixote Spray Arte (São Paulo), Sou Kpaz (Rio de Janeiro) e a Cores do amanhã (Recife), visam o desenvolvimento de programas de educação e trabalho por meio do grafite. Os principais objetivos são promover um espaço de acolhimento, melhorando a autoestima, comunicação, integração e a



participação na sociedade, oferecendo à comunidade em situações de vulnerabilidade social uma nova alternativa de inclusão social e o resgate a cidadania.

Para Blauth (2012) O grafite como agente de uma comunicação social também traz sua contribuição através de eventos artísticos com crianças e jovens de rua ou baixa renda, pintura de espaços urbanos de maneira individual ou coletiva e até a contratação de grafiteiros para a pintura/ornamentação de painéis de construções privadas, buscando o embelezamento do meio em que está inserido. Torna-se então, uma fonte de cultura, de conhecimento e renda para esta categoria e para a sociedade de um modo geral, que alia arte e comunicação num mesmo espaço.

Sobre os locais escolhidos para as grafitagens eles indicam que quando são contratados, quem contrata determina o local. Mas, a maioria afirma que gosta de grafitar nos locais onde mora. “Eu costumo grafitar no centro, por que geralmente o graffiti tá ligado ao local onde você está e como agora eu estou mais para o centro, a maioria das minhas pinturas estão lá”. Outro afirma que “faço muito mais grafites na periferia”. Mas existem vários motivos para a escolha do local: “geralmente a gente costuma pintar em todas as superfícies... se escolhe o local por ‘n’ motivos: se você quer destaque, se quer falar algo pra uma comunidade, se você apenas quer pintar aí escolhe locais estratégicos...”. Um deles teceu o seguinte comentário “gosto de pintar em avenidas. Meu intuito é fazer o público ver, locais de grande fluxo, para as pessoas questionarem, verem”. Para os entrevistados o que falta na cidade são incentivos para esta linguagem e união dos artistas (Crews).

Segundo Ramos (2007) Os grafiteiros remodelam a cidade e devolvem a ela um caráter de comunicação compartilhada, de recepção de novos significados, tensões e mudanças. Fazem dos espaços da cidade espaços de opinião, de investigação, de diálogo e, por que não, da Arte. Debord (1997) defende a ideia de uma reintegração controlada e da apropriação do ambiente urbano para aumentar o vigor e a criatividade dos atores urbanos. Cada espaço produz sensações e resultados únicos, seja para o grafiteiro ou para o público espectador, tudo depende da mensagem que se deseja transmitir. O trabalho desempenhado pelos grafiteiros subverte a lógica urbana convencional, é uma arte que quebra padrões estéticos, artísticos e sociais, dando vida a imaginação dos grafiteiros e como resultado, criam uma identidade para a cidade e até mesmo uma alma para o local escolhido. Para Rink (2013) o graffiti influencia os modos de significação das tramas urbanas atuais, tornando possível que muitos habitantes das cidades possam vivenciar uma experiência estética coletiva e esta, talvez, seja sua maior função social.



Considerações Finais

A problemática sugerida por esta pesquisa que teve como eixo a investigação do panorama do grafite em Recife no que se refere às temáticas desenvolvidas, aos locais escolhidos para grafiteagem e à intervenção na espacialidade deste centro urbano. A partir das palavras dos grafiteiros entrevistados e da revisão de literatura levantada, observa-se o grafite como instrumento de comunicação, expressão artística e intervenção urbana que desperta o interesse dos jovens e a necessidade dos mesmo de expressão de suas inquietudes e insatisfações, além de se configurar como um canal de protesto, de crítica e reflexão.

A pesquisa aponta o Recife como uma cidade em que o grafite está presente, pulsante no cotidiano das ruas mas ainda é visto com preconceito e não é valorizado em comparação a outros centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. As temáticas desenvolvidas são diversas, mas a maior parte vem preenchida de um teor crítico e ácido. Nota-se também que há uma tendência de algumas instituições governamentais ou mesmo empresas comerciais contratarem grafiteiros para dar forma e cor aos seus espaços. No entanto, a percepção é a de que as comunidades em Recife não são articuladas. E, este pode ser mais um motivo para que esta expressão ainda sofra retaliações e exclusão. As ONGs possuem um trabalho de socialização através do grafite que vem reverberando na cidade e na vida de muitos jovens que encontram nesta arte sua forma de comunicar sentimentos, ideias, atitudes. Esta tem sido uma iniciativa bem sucedida de inclusão social que pode se configurar num caminho para a ampliação do conhecimento desta arte e do reconhecimento de seus benefícios para a cidade.

Referências

BENJAMIN, W. (1987). O Narrador. Em: *Magia e Técnica, Arte e Política* (Terceira edição, pp. 195-221). São Paulo: Brasiliense.

BLAUTH, L. POSSA, K. Arte, Grafite e espaço urbano. **Rev. Palíndromo**, V. 08, 2012. Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/8/artigo_arte_grafite.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2014.



CANEVACCI, M. (2005). *Culturas eXtremas – mutações nos corpos das metrópoles*. Tradução: Olmi, A. Rio de Janeiro: DP&A.

CASCARDO, A.B.S. Grafite contemporâneo: da espontaneidade urbana à sua cooptação pelo mundo da arte. **Rev. Musear**, 2012. Disponível em: < <http://www.museologia.ufop.br/musear/wp-content/uploads/2012/06/9-Grafite-contemporaneo-da-espontaneidade-urbana-a-sua-cooptacao-pelo-mundo-da-arte.pdf> >. Acesso em: 20 mai. 2014.

CEARÁ, A.T. DALGALARRONDO, P. Jovens Pichadores: Perfil psicossocial, identidade e motivação. **Rev. Portal SIBi**, vol. 19, no. 3, Ceará, 2008. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41964> >. Acesso em: 12 jun. 2014.

CRUZ, S.M. COSTA, M.T. Grafite e Pichação – Que comunicação é esta? **Rev. Linhas**, v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1351> >. Acesso em: 9 mai. 2014.

FURTADO, J.R; ZANELLA, A.V. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Rev. Mal-Estar Subj**, vol.9, no.4, Fortaleza dez. 2009. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482009000400010&script=sci_arttext >. Acesso em: 10 mai. 2014.

GITAHY, C. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.
ANDRADE, E. HENRIQUES, R. ASSIS, C. SOARES, A.L. ESPER, G. A arte do século XX como a exaltação de todos os sentidos. **Rev. Artes e Humanidades**, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/issue/view/11> >. Acesso em: 9 mai. 2014.

OLIVEIRA, R.C.A. Estéticas Juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. **Rev. Comunicação, mídia e consume**, vol. 4 no. 9, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/89>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

OSTROWER, F. (1983). *Universo da Arte*. Rio de Janeiro: Campus.

OSTROWER, F. (1999). *Criatividade e Processo de Criação*. Petropolis: Vozes.

Portal Cores no muro, **A origem do graffiti**. Disponível em: <<http://coresnosmuros.blogspot.com.br/2011/05/origem-do-graffiti.html>>. Acesso em: 11 mai. 2014.

Portal Diário do Pará. **Lei aprovada em maio diz que grafite não é crime**. Disponível em: < <http://www.diarioonline.com.br/noticia-153353-lei-aprovada-em-maio-diz-que-grafite-nao-e-crime.html> >. Acesso em: 9 mai. 2014.



Portal Ig Jovem, **Grafite também é ferramenta social**. Disponível em: <http://jovem.ig.com.br/street/noticias/2008/10/25/grafite_tambem_e_ferramenta_social_2067488.html>. Acesso em: 11 mai. 2014.

Portal Jornal do Comércio online. **Ruas do Recife vão ganhar vida com grafiteagem**. Disponível em:

< <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/10/08/ruas-do-recife-vaio-ganhar-vida-com-grafiteagem-100442.php#>>.

Acesso em: 22 mai. 2014.

Portal Point da arte, **A história do grafite**. Disponível em: <<http://pointdaarte.webnode.com.br/news/historia-da-arte-do-grafite/>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

RINK, A. **Graffiti: Intervenção Urbana e Arte**. Curitiba: Appris, 2013.

SOUZA, D.C.A. Graffiti, Pichação e Outras Modalidades de Intervenção Urbana: caminhos e destinos da arte de rua brasileira. **Rev. Enfoques**, v. 7, n. 1, 2008.

Disponível em:

<<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/74>>. Acesso em: 9 mai. 2014.

SPINELLI, L. Pichação e comunicação: um código sem regra. **Rev. Logos**, V. 26, 2007.

Disponível em: <<http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/08lucianospen.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

SILVA, A.L.G. JAPECHINO, M.N.K. GOMES, V.S. A umburana e o spray: as relações de identidade entre a xilogravura e o grafite em Recife. Disponível em: <

<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0540-1.pdf>

>. Acesso em: 12 jun. 2014.

VIANA, M. L. D. **Dissidência e subordinação**: um estudo dos grafites como fenômeno estético/cultural e seus desdobramentos. 2007. Tese (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2007. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77851>. Acesso em: 10 mai. 2014.